

[A Peregrinita]

→ **Classificação do Conto:**

- Contos maravilhosos.
- Classificado segundo o sistema internacional de Aarne-Thompson: ATU 425 A O Monstro (Animal) como Noivo (Cupido e Psique).
- Classificação: Paulo Correia (CEAO/ Universidade do Algarve) em Junho de 2007.

→ **Assunto:**

- A história de uma rapariga anda em demanda pelo mundo em busca do seu príncipe encantado.

→ **Palavras-chave:**

- Alentejo, águia, borrego, casamento, cavalo, chá, chave, criada, encantado, Ficalho, filha, lua, mala, pai, palácio, pássaro, peregrina, poço, príncipe, sangue, Serpa, sogro, sol

→ **Região:**

- **Região:** Baixo Alentejo
- **Distrito:** Beja
- **Concelho:** Serpa
- **Localidade:** Ficalho

→ **Contador:**

- **Nome:** Mariana Valente
- **Data de nascimento:**
- **Residência:** Ficalho

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Marta do Ó
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2006
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 0:13:18

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de Transcrição:** Maio de 2007
- **Palavras:** 2337

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Maria de Lurdes Sousa
- **Data de execução:** Fevereiro 2010
- **Palavras:** 2092

→ **Montagem de vídeo e Web design:** José Barbieri

[A peregrinita⁽¹⁾]

«Era também um pai que tinha três filhas. Moravam no campo. E as filhas viviam mal (nesse tempo vivia toda a gente⁽²⁾ mal, as terras na' davam e os ordenados eram muito pequenos e coiso...) e atão⁽³⁾ um dia, a filha mais velha disse assim ao pai:

[Rapariga:] – *Pai, eu vou correr o mundo.*

[Pai:] – *Vais (a) correr o mundo filha?! Atão tu tens 'tado aqui tão bem na nossa casa! 'Tá bem que *a gente*(4) na' tem farturas de... coiso, mas agora queres te ir embora aí por esse mundo, como?*

[Rapariga:] – *Vou. Eu vou à procura da minha vida. Vou-me embora.*

Foi. A rapariga, as irmãs na' queriam que ela fosse, mas ela começou a andar, a andar, foi andando, andando, andando por ali por aqueles campos. [Até que] encontrou um poço. Chegou ali ao poço, já ia tão cansada, fez assim no bucal do poço, fez assim [suspirou:]

[Rapariga:] – *Ai, de mim! 'Tou tão cansada!*

E quem havia de estar lá dentro do poço? Um príncipe encantado que se chamava “Ai, de mim”. Apareceu o príncipe, quando ela disse aquilo. Ela ficou muito assustada quando o viu e ele disse:

[Príncipe:] – *Atão, tu disseste “Ai de mim” e eu sou o príncipe “Ai de mim”, mas olha que eu (tu não digas a ninguém que eu estou aqui porque...), eu 'tou aqui, mas 'tou encantado. Mas se tu quiseres ficar aqui comigo, ficas aqui comigo.*

Ela, coitadinha, como andava à procura da vida dela e viu que ele que era um príncipe... [ficou]. Ele levou-a para baixo, para o poço. Chegou lá abaixo, tinha lá um palácio tão bonito, tão bonito...E ela ficou ali com ele, toda muito satisfeita, e andavam por ali de um lado para o outro.

Um dia (não soava nada, nada, nada [lá em baixo]) soaram uns passarinhos cantando. Os passarinhos soaram cantando. E ele veio e diz ela assim:

[Rapariga:] – *Olha lá aqueles passarinhos cantando! Não haviam aqui passarinhos nem nada!*

E ele disse-lhe assim: – *Olha, sabes, eu não te digo o que é que os passarinhos querem dizer, porque senão depois tu queres ir embora.*

[Rapariga:] – *Não! Diz-me lá, diz-me lá!*

[Príncipe:] – *Olha, aqueles passarinhos estão a dizer que a tua irmã do meio se vai (a) casar.*

[Rapariga:] – *Ai! Deixa-me ir ao casamento da minha irmã! Deixa-me lá ir!*

[Príncipe:] – *Não. Não podes ir que tu ópois vais e já na' voltas!*

[Rapariga:] – *Não! Volto sim! Deixa-me lá ir! Deixa-me lá ir!*

Foi. Ele convenceu-se. E ela vestiu-se toda – ele comprou-lhe muita roupa bonita e tudo para ela ir ao casamento da irmã – e foi. E disse-lhe assim:

[Príncipe:] – *Agora vais montada – deu-lhe um cavalo –, agora vais montada neste cavalo. E (a, e) que chegando lá, podes 'tar lá até que... Quando o cavalo dê a primeira patada tens que te estar despedindo. Quando der a segunda, tens que estar (a)montada e quando der a terceira, tens que 'tar aqui ao pé de mim.*

E ela foi, coitadinha. Chegou lá, a família ficou toda muito satisfeita – ela com uns grandes anéis, com tudo tão bonito no casamento da irmã, mas ali no melhor da festa o cavalo deu a primeira patada. Ela disse:

[Rapariga:] – *Tenho que me despedir. Tenho que me ir embora!*

Deu a segunda [patada] tinha que estar lá ao pé do poço. E [quando] deu a terceira [já ela] estava lá ao pé dele. Ele ficou muito satisfeito.

Bom, aquilo passaram-se tempos sem soar mais nada.

No outro dia [disse a rapariga ao príncipe:]

[Rapariga:] – *Ai, olha lá! "Ai, de mim" olha lá outra vez os passarinhos. O que é que os passarinhos agora querem dizer?*

[Príncipe:] – *Olha, querem dizer que a tua irmã mais nova (que) se vai casar.*

[Rapariga:] – *Atão, deixa-me ir!*

[Príncipe:] – *Não. Não vais. Não podes ir. Não podes não, que tu depois já não voltas!*

[Rapariga:] – *Volto sim! Volto sim!*

Foi. Foi toda muito bem preparada, levava os anéis. Foi-se (a) lavar tirou os anéis e as irmãs, viram os anéis lá na bacia, agarraram, agarraram-nos e já não os quiseram dar.

Coitadinha, ela voltou. Teve de se vir embora, chorando, porque ela nem a meio da boda [tinha ficado].

Chegou cá [ao poço] chamou por ele e ele [o príncipe] na' lhe apareceu. E ela, coitadinha, com um grande desgosto, foi andando, andando, andando por ali.

Encontrou uma casa. Bateu à porta e diz assim:

[Rapariga:] – *Olhe, quem é que mora aqui?*

Diz ela assim: – *Olhe, aqui é a mãe do Sol. Mas você não se pode... Você na' me pode estar aqui, porque o meu filho vindo para casa – o meu filho é o sol – (e) abrasa tudo! E na' pode ver ninguém estranho e atão você na' pode 'tar aqui.*

[Rapariga:] – *Ai! Deixe-me lá estar aqui, para eu lhe perguntar se ele viu praí ou ouviu falar no príncipe “Ai, de mim”.*

A mulher disse-lhe: – *Olhe, eu agora vou deixá-la ficar aqui, mas vou escondê-la para o meu filho não a ver!*

Mas teve muita pena dela e deu-lhe umas coisas: uma colcha muito bonita.

Disse-lhe [a mãe do sol:] – *Tome lá, isto é – quando o meu filho vier, você tem que se ir embora –, mas tome lá esta prenda que eu lhe dou.*

(Ela agarrou na colcha. Veio. Chegou cá fora foi outra vez andando, andando, andando, andando, andando... Ah não! Chegou o sol!)

Chegou o sol. Diz ele:

[Sol:] – *Mãe! Cheira-me a sangue real!*

[Mãe do Sol:] – *Ai, filho! Ai filho, não é nada! Olha era uma peregrinita que anda peregrinando a ver se lhe dão norte do príncipe “Ai de mim”.*

[Sol:] – *Oh! Eu não... Olhe mãe, só se [for] a mãe da Lua... Que a mãe da Lua também anda por aí (mas eu deito-me muito cedo na'...).*

Foi. (Perguntou à...) Foi outra vez, andando, andando, chegou àquela casa bateu. Era a mãe da Lua. Diz-lhe a mãe assim, diz-lhe ela assim:

[Mãe da Lua:] – *Atão? O que é que você quer?*

[Rapariga:] – *Olhe lá, eu sou uma peregrinita que ando peregrinando, que ando a ver se me dão norte do príncipe “Ai, de mim”.*

[Mãe da Lua:] – *Olhe, eu não. Só se a mãe das águias [souber], porque a mãe das águias... elas andam por ali, correm tudo.... Pode ser que a mãe das águias...*

A mãe da Lua teve muita pena dela e deu-lhe um estojo de costura muito bonito, com dedal, agulha, tinha tesoura, tudo muito bonito.

[Mãe da Lua:] – *Tome lá isto, que é uma lembrança da mãe da Lua.*

Foi. Já ia lá muito adiante, muito adiante, quem lhe havia de aparecer? [Viu outra casinha], bateu à porta. Vê: era a mãe das águias.

[Mãe das Águias:] – *Ai, quem é?*

[Rapariga:] – *Olhe! Você na’... Ai, olhe é uma peregrinita que anda peregrinando, a ver se dão norte do príncipe “Ai, de mim”.*

[Mãe das Águias:] – *Olhe, não. Eu não [sei]. Só se as minhas filhas – que são as águias – e vão por aí... Mas você não pode estar aqui, porque as minhas filhas são muito más! E você não pode estar aqui.*

[Rapariga:] – *Atão, mas olhe... Deixe-me lá ficar cá, que é para eu lhe[s] perguntar a ver se elas... Ou pergunte você e depois diz-me. Eu vou-me esconder aqui num cantinho.*

Escondeu-se num cantinho. Vieram as águias todas.

[Águias:] – *Ai! Cheira-me a sangue real!*

[Mãe das Águias:] – *Ó filhos, calem-se! Olha, é uma peregrinita que anda peregrinando, a ver se lhe dão norte do príncipe “Ai, de mim”.*

[Águias:] – *Olhe, a gente não. Só se a nossa águia coxa [souber] ... Essa ficou ainda por lá, que dizia que ainda ia a um casamento de um príncipe. E lá há muito comer e ela ficou por lá.*

Foi. Esconderam-na ali até que veio a outra. Quando a outra veio, disse:

[Águia coxa:] – *Olhe mãe, cheira-me a sangue real, que tens tu aqui em casa?*

[Mãe das Águias:] – *Ai, cala-te filha! Olha, era uma peregrinita que anda peregrinando, a ver se lhe dão norte do príncipe “Ai, de mim”.*

[Águia coxa:] – *Oh! Tá a ver! Tenho tado lá no casamento dele! Me'mo agora vim de lá do casamento dele!*

[Mãe das Águias:] – *Ai filho, pois olha esta...*

[Águia coxa:] – *Não, atão ele casou-se hoje com outra... com outra senhora que na', na'...É, porque isso deve haver aí alguma coisa... Chame-a lá!*

Ela veio, chegou ali e disse:

[Rapariga:] – *Ai! Águia leva-me lá onde tu foste ao casamento do príncipe “Ai, de mim”!*

Foi. Montou-a. E disse[-lhe a águia:]

[Águia coxa:] – *Olha eu levo-te, mas é preciso tu arranjares um borrego – matares um borrego e pôr aqui à tua frente – e eu ponho-te aqui nas minhas asas e depois que é pa'(... eu vou...) pa' me ires dando daqui até lá, que é muito longe.*

Ela matou o borrego, fez aquilo ... aquela coisa toda. Pô-la ali [nas asas e] foram os dois. E el[a] ia a dizer:

[Águia coxa:] – *Eu tenho fome!*

[Rapariga:] – *Toma.*

Dava-lhe metade.

[Águia coxa:] – *Tenho fome...*

[la-lhe dando] até que chegaram lá.

Chegaram e diz ela assim:

[Águia coxa:] – *Olha, vês? Aqui é que é a casa do príncipe “Ai, de mim”. E foi aí que houve o casamento!*

(Ah! E a mãe das águias deu-lhe também uma coisa. Uma prenda muito bonita, era umas coisas (...), era[m] umas prendas em ouro, muito bonitas e ela ia carregada com aquilo tudo que lhe tinham dado.)

Chegou lá a águia, disse-lhe:

[Águia coxa:] – *Tu agora ficas aqui e depois olha... resolve o assunto como tu queiras. Eu vou-me já embora.*

(Mas quando iam lá chegando, já ‘tava-se acabando o borrego e ela disse-lhe:

[Águia coxa:] – *Tenho, tenho fome!*

[Rapariga:] – *Ai, agora já não tenho carne!*

[Águia coxa:] – *Atão olha, deixo-te cair já daqui das minhas asas!*

[Rapariga:] – *Ai, não!* – Ela pediu-lhe tanto que e[la] pô-la ali [junto à morada do príncipe e] foi-se embora.

Ela pôs-se ali, arranjou uma (...) tenda [e] pôs-se ali em frente à casa do príncipe. E pôs além(5) o estojo da costura, a colcha tão bonita...

As criadas do príncipe “Ai, de mim” vieram e disseram [à esposa do príncipe:]

[Criadas:] – *Ai – à noiva, que tinham-se casado cedo –, ai minha senhora que coisa tão bonita que tem além aquela senhora. Ela diz que é para vender.*

[Noiva:] – *Atão vai lá perguntar quanto é que ela quer por aquilo.*

Foram (a) perguntar.

[Noiva:] – *O que é que ela disse?*

[Criadas:] – *Olhe, ela diz que não quer nada. Quer que você a deixe dormir uma noite com o príncipe.*

[Noiva:] – *Olha! Na’ tem vergonha! Agora queria... Ah! Oh! Não senhor! Na’aaahhh!*

Ficou toda... [E] elas não disseram nada, as criadas não disseram nada.

Ao outro dia de manhã, apareceu ela com o estojo da costura, tão bonito.

[Criadas:] – *Ai, minha senhora... Olha hoje está ali...*

[Noiva:] – *Não! Atão vê lá o que ela me disse! Ela disse pra, pra me dar aquilo, que era preciso... Não, não! Agora diz-te a me’ma coisa! ... Mas vai lá perguntar.*

Chegou lá. Disse-lhe[s] a mesma coisa [que havia dito no dia anterior:]

[Rapariga:] – *Eu dava(-te) isso, mas era preciso que me deixasse(s) uma noite dormir com o príncipe.*

Elas vieram todas [contar à sua senhora].

[Noiva:] – *Ai, não digam nada ao senhor príncipe. Senão... tal será ele? Não lhe digam nada, senão depois...*

No outro dia [a rapariga] apareceu com as prendas em ouro.

[Criadas:] – *Ah, minha senhora! Hoje atão é que (já, já) tem que se ir lá!*

[Criadas:] – *Olhe, a gente vamos a fazer uma coisa: a gente vai dar um chá que a gente sabe – as criadas – um chá que a gente sabe [ao príncipe], que se chama dormideiras⁽⁶⁾. O senhor príncipe dorme a noite inteira, e ele nem sequer sabe que ela ‘tá lá deitada com ele, e a senhora fica com aquelas prendas tão bonitas!*

Ela foi... (Deram-lhe o chá) [e] ela foi dormir com ele, mas levou a noite inteira só [a dizer:]

[Rapariga:] – *“Ai, de mim”, tu não te lembras disto? “Ai, de mim”, tu não te lembras daquilo? “Ai, de mim”, tu...”*

E ele nem responde, pois [se] ele ‘tava dormindo com as dormideiras, como é que havia de acordar! No outro dia de manhã dizem elas [as criadas] assim:

[Criadas:] – *Ai, senhor príncipe! Atão o que é que houve praí no seu quarto esta noite, que levou a noite inteira uma pessoa, soava aí de dentro, “Ai de mim”, tu na’ te lembras!”, “Ai, de mim”, tu na’ te lembras!”?*

E ele lembrou-se que[m] era ela. Foi lá fora [e] conheceu-a. Disse:

[Príncipe:] – *Vamos lá agora a fazer aqui um (almoço)[jantar] para esta gente toda! Eu vou chamar aquela senhora que ‘tá além –[que] tinha as coisas, as prendas – que eu também quero que ela venha pra aqui para o pé da gente.*

A noiva ficou toda muito coiso, porque já ‘tava com ciúmes e depois ele queria que ela viesse para ali...

Puseram-se à mesa todos, um jantar muito grande. Puseram-se todos à mesa e ele disse assim:

[Príncipe:] – *Aqui põe-se aquela senhora que está além fora e aqui põe-se a outra senhora. E depois a seguir, põe-se o pai dessa senhora; e depois a seguir põe[m]-se as criadas. E põe[m]-se todos aqui pra jantarmos.*

Quando acabaram de jantar disse:

[Príncipe:] – *Bom, agora cada um vai contar uma anedota (do) [sobre o] que souber. Cada um...*

Chegou à vez dele. Ele olhou para o sogro, viu que aquilo ‘tava ali... E disse-lhe assim:

[Príncipe:] – *Olhe lá, eu agora vou-lhe contar uma: você se tivesse uma, uma mala e perdesse a chave, e depois de ter, ter passado muito tempo – teve que comprar outra nova – e depois passado muito tempo aparecesse a velha. Qual era a que o senhor utilizava? Era a velha ou era a nova?*

E ele disse [o pai da noiva:] – *Era a velha.*

[Príncipe:] – *Atão leve lá a sua filha, que eu já tenho aqui a minha [mulher] ...».*

Mariana Valente, Ficalho (conc. Serpa), Fevereiro 2006.

Glossário

- (1) **Peregrinita:** diminutivo de peregrina – aquela que viaja por terras distantes.
- (2) **Gente:** pessoas.
- (3) **Atão:** regionalismo de Portugal, de uso informal e coloquial que significa “então”.
- (4) **A gente:** subentende-se o sujeito “nós”.
- (5) **Além:** acolá; expressão que designa distância.
- (6) **Dormideiras:** espécie de papoila cujas cápsulas tem propriedades sedativas e narcóticas.

Para execução deste glossário consultaram-se os websites: <http://www.priberam.pt>; <http://www.ciberduvidas.com>.